

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

EDLEIDE DOS SANTOS TIBURCIO

**Racismo e primeira infância: o cabelo crespo e a construção da
autoestima da menina negra**

São Paulo

2021

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

Racismo e primeira infância: o cabelo crespo e a construção da autoestima da menina negra

Edleide dos Santos Tiburcio

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria da Glória Calado

São Paulo

2021

Racismo e primeira infância: o cabelo crespo e a construção da autoestima da menina negra¹

EDLEIDE DOS SANTOS TIBURCIO²

Resumo: este trabalho objetiva contribuir para a discussão dos aspectos étnico-raciais da primeira infância, tendo o cabelo crespo como signo relevante para a construção da autoestima das meninas negras. Apresenta os dados estatísticos mais alarmantes relacionados à população negra no Brasil; assinala ocorrências racistas que algumas mulheres negras experienciaram durante a infância; relata a experiência de uma mulher negra, produtora de conteúdo para a internet, em relação ao cuidado do cabelo crespo de sua filha; e traz o prisma de uma psicóloga que aborda os aspectos da infância negra. Baseando-se em trabalhos acadêmicos de alguns pesquisadores da temática étnico-racial, conceitua os termos racismo, primeira infância, estética e cabelo crespo, destacando as consequências do racismo na vida do sujeito desde a infância até a vida adulta.

Palavras-chave: Racismo. Primeira Infância. Cabelo Crespo. Estética. Autoestima.

Abstract: this work aims to contribute to the discussion of ethno-racial aspects of early childhood, having the curly hair as a relevant sign for the construction of self-esteem of black girls. It presents the most alarming statistical data related to the black population in Brazil; points out racist occurrences that some black women experienced during childhood; reports the experience of a black woman vlogger, in relation to the care of her daughter's curly hair; and brings the prism of a psychologist who addresses the aspects of black childhood. Based on the academic work of some researchers on the ethno-racial theme, it conceptualizes the terms racism, early childhood, aesthetics, and curly hair, highlighting the consequences of racism in the life of the subject since the childhood to adulthood.

Keywords: Racism. Early Childhood. Curly Hair. Aesthetics. Self-esteem.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo contribuir a la discusión de los aspectos étnico-raciales de la primera infancia, con el cabello rizado como signo relevante para la construcción de la autoestima de las niñas negras. Presenta los datos estadísticos más alarmantes relacionados con la población negra en Brasil; señala situaciones racistas que vivieron algunas mujeres negras durante la infancia; relata la experiencia de una mujer negra, productora de contenidos para internet, en relación con el cuidado del cabello rizado de su hija; y trae el prisma de un psicólogo que aborda aspectos de la niñez negra. Basado en trabajos académicos de algunos estudiosos de la temática étnico-racial, conceptualiza el racismo, la primera infancia, la estética y el cabello rizado, destacando las consecuencias del racismo en la vida de la persona desde la niñez hasta la edad adulta.

Palabras clave: Racismo. Primera Infancia. Cabello rizado. Estética. Autoestima.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais.

² Pós-graduanda em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais, bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda e especialista em Administração de Empresas.

1. INTRODUÇÃO

Como se dá a construção da autoestima da menina negra com cabelo crespo, diante de uma sociedade racista como a brasileira, que vê nos traços fenotípicos do negro, aspectos de inferioridade racial? Nesse sentido, busca-se compreender com esta pesquisa quais são as consequências das dinâmicas da sociedade na autoestima da menina negra.

Considerando que a maior parte da população brasileira é composta por pessoas pretas e pardas, totalizando 56,10%, conforme dados da Pesquisa Nacional de Domicílio (PNAD) Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2018, e que apesar de ser a maioria em números é a minoria ao que se refere ao acesso a direitos, posições de poder e condições de dignidade humana, a abordagem deste tema torna-se relevante para as discussões étnico-raciais.

Por meio das pesquisas e relatos aqui colocados, ao que se refere à problematização desta pesquisa, pretende-se mensurar o quanto que as experiências racistas vivenciadas durante a infância podem impactar o sujeito até a vida adulta, tendo como recorte a menina negra. Nesse sentido, acessa-se particularmente as experiências de algumas mulheres que aceitaram participar deste estudo, pontuando as vivências racistas de suas infâncias e como tais vivências as impactou até a vida adulta. Adicionalmente, acrescenta-se a experiência de uma mulher negra, mãe de meninas negras, criadora de conteúdo para a internet sobre o cuidado para com o cabelo crespo de meninas, pontuando a sua experiência na infância e o que ela busca fazer de forma distinta na criação de suas filhas. Fechando a parte dos relatos, traz-se os apontamentos de uma psicóloga que por meio de sua atuação profissional analisa as particularidades da infância negra.

O referencial teórico desta pesquisa se apoia nos conceitos trazidos por estudiosos da temática étnico-racial. Em complemento, apresentam-se estatísticas disponibilizadas por órgãos ligados ao governo federal, universidades e organizações da sociedade civil. Dentro da pesquisa do método dialético, as entrevistas com a criadora de conteúdo para internet, com as mulheres negras que relataram as experiências racistas da infância e com a profissional de psicologia ocorrem de forma semiestruturada.

Por fim, como panorama deste trabalho, traz-se a importância da primeira infância para a predeterminação de como poderá ser a vida do sujeito, tendo como base as experiências vividas nos primeiros anos de vida; o processo de construção da autoestima das crianças; a produção de conteúdo para a internet como ferramenta de valorização da estética negra; e os

impactos do racismo na população negra, seja ao que se refere à saúde e/ou aos aspectos socioeconômicos e culturais desta parcela da população brasileira.

2. PRIMEIRA INFÂNCIA

Em 08 de março de 2016, sancionou-se no Brasil a Lei Nº 13.257 referente ao Marco Legal da Primeira Infância³, que logo em seu artigo 1º estabelece os princípios e diretrizes que o país deverá seguir, “em atenção à especificidade e à relevância dos primeiros anos de vida no desenvolvimento infantil e no desenvolvimento do ser humano”. Mas afinal, o que é primeira infância e por que esta fase é tão importante?

Considera-se primeira infância os seis primeiros anos de vida da criança, sendo a fase responsável pelo estabelecimento do alicerce que desenvolverá o indivíduo cognitiva e socialmente. Adicionalmente, de acordo com especialistas⁴, particularmente os primeiros 3 anos de vida são responsáveis pela formação da estrutura cerebral do sujeito, período em que, além da formação cognitiva e social, conforme citado anteriormente, a base do funcionamento neurológico e psicológico também é estabelecida, fazendo com que os estímulos recebidos durante esta fase da vida sejam fundamentais para o desenvolvimento do ser humano, incluindo o desenvolvimento de sua personalidade. Nesse sentido, entende-se que o desenvolvimento socioemocional do indivíduo está diretamente relacionado aos índices sociais a que este é submetido desde os primeiros anos de existência, fazendo com que as experiências deste período repercutam por toda a vida, sejam experiências boas ou ruins⁵.

3. O RACISMO PELA ÓTICA SOCIAL

Diversos intelectuais latino-americanos conceituam os termos “raça e racismo”. De modo geral, o termo “raça” refere-se à uma categoria da biologia que designa um conjunto de aspectos biofisiológicos, diferenciando os indivíduos da mesma espécie. Trazendo o conceito de “raça” para o campo das disciplinas sociais, Gomes (2017) pontua que tal conceito está

³ Lei sancionada pela presidência da república, através da Subchefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil da Presidência da República Federativa do Brasil.

⁴ Documentário “O começo da Vida”, produzido em 2016 e apresentado por Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, Van Leer Foundation, Instituto Alana e UNICEF.

⁵ O investimento em desenvolvimento na primeira infância cria os alicerces de uma sociedade próspera e sustentável, por Jack P. Shonkoff, MD Julius B. Richmond FAMRI Professor of Child Health and Development. Harvard School of Public Health e Harvard Graduate School of Education, Harvard Medical School e Children's Hospital Boston, Center on the Developing Child, Universidade de Harvard, EUA Dezembro 2009

diretamente relacionado ao termo “racismo”, sendo este o comportamento e/ou ação que resultam na aversão ao pertencimento racial e características fenotípicas do outro, fazendo-se da “raça” uma construção social, política e cultural produzida nas relações sociais de poder. Concluindo-se assim que a abordagem dos termos “raça” e “racismo” e das engrenagens de seu funcionamento na sociedade é algo complexo, pois a adversidade deste termo, o racismo, se manifesta de forma individual, institucional e estrutural (Gomes, 2017).

É no contexto da cultura que nós aprendemos a enxergar as raças. Isso significa que, aprendemos a ver negros e brancos como diferentes na forma como somos educados e socializados a ponto de essas ditas diferenças serem introjetadas em nossa forma de ser e ver o outro, na nossa subjetividade, nas relações sociais mais amplas (GOMES, 2017, p.49).

Concomitantemente à conceituação de Gomes (2017), Almeida (2018) pontua que “a sociedade contemporânea não pode ser compreendida sem os conceitos de raça e racismo” (ALMEIDA, 2018, p.15). Em seguimento, define o racismo como um conjunto de atos, processos e condições de submissão e de subalternidade no que se refere ao lugar reservado para o negro numa sociedade estruturalmente racista: a sociedade brasileira. Tal visão tem obtido relevante atenção na última década, tanto pelo movimento negro contemporâneo, como por intelectuais que abordam a questão racial, destacando que, para se entender o racismo estrutural que permeia as estruturas da sociedade, é necessário compreender que o racismo é parte integrante dos arranjos sociais e políticos do capitalismo vigente na economia brasileira. Assim, o racismo estrutural é:

(...) uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (...). O racismo – que se materializa como discriminação racial – é definido pelo seu caráter sistêmico. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais, se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas (...) (GOMES, 2018, p. 25).

Intelectuais, como Jacob Gorender, Aníbal Quijano e Clóvis Moura, também discorrem sobre os conceitos de raça e racismo. Gorender (2011) aponta a questão da raça como uma construção social baseada num sistema de poder, no qual o escravismo é visto como modo de produção; Quijano (2005) pontua o racismo como uma construção de um padrão colonial, também de poder, onde a classificação racial se constituiu em justificativa a dominação dos europeus sobre as Américas; para Moura (2014) as ideias racistas servem como base ideológica para a manutenção do sistema econômico; e em consonância, Tiburcio (2020) acrescenta que um dos pilares da fundação do Brasil se deu através da escravização de indivíduos negros,

sequestrados de África, sendo o principal eixo econômico do país desde o período imperial até a república.

Por fim, neste trabalho, o racismo será frequentemente pontuado como uma das condições de adversidade que as crianças negras enfrentam desde a primeira infância, na qual a imagem que se tem do que é ser branco e do que é ser negro perpetua o tratamento destinado aos negros desde o período da escravidão: a subjugação do sujeito baseada em seu tom de pele.

4. O RACISMO EM NÚMEROS

De modo geral, os negros da diáspora africana que vivem no Brasil se encontram em diversas condições de adversidade. Neste contexto, alguns estudos ratificam por meio dos números, a precariedade a que se é submetida tal população ainda nos dias de hoje.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o rendimento médio domiciliar per capita de pessoas negras, no ano de 2018, foi de R\$ 934, sendo que em relação aos brancos, no mesmo período, foi o dobro.

Atualmente⁶, o Brasil tem cerca de 20,6 milhões de crianças na fase da primeira infância, sendo que deste total, 1 a cada 3 crianças vive na pobreza. E em decorrência desta condição, 6,8 milhões de crianças brasileiras, em sua maioria negras⁷, têm mais dificuldade para acessar direitos essenciais como saneamento básico, educação de qualidade, serviços eficazes de saúde, alimentação adequada, proteção, segurança, entre outros.

De acordo com a Todos pela Educação⁸ (2019), crianças pretas e pardas de 0 a 3 anos, representam apenas 32% de matrículas em creches, enquanto o percentual das crianças brancas na mesma faixa etária é de 39%.

Dados do Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas (UNICEF), demonstram que em comparação a uma criança branca, a criança negra tem 25% a mais de risco de morrer antes de completar 1 ano de vida; 70% a mais de risco de ser pobre; 60% a mais de probabilidade de morrer antes dos 5 anos de idade; 90% a mais de riscos de morrer de desnutrição; e 30% a mais de chances de estar fora da escola em comparação a uma criança branca. Ainda de acordo com o UNICEF (2020), cerca de 64,1% das crianças e adolescentes em situação de trabalho infantil no Brasil, são negras: “não é coincidência que crianças e

⁶ Dados do IBGE referentes ao ano de 2019.

⁷ Para fins de padronização, o termo negro (a), se refere neste trabalho ao grupo composto por pessoas pretas e/ou pardas.

⁸ Organização da Sociedade Civil, sem fins lucrativos, que tem por objetivo assegurar o direito da educação básica de qualidade a todos os brasileiros.

adolescentes negros sejam a maioria da população em situação de pobreza (...), que sejam as principais vítimas de violência (...), que sejam os que mais sofrem preconceito e os que menos se veem representados nos espaços públicos (UNICEF, 2020).

No Atlas da Violência 2019, disponibilizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2017 o percentual de feminicídios foi de 38,38% dentre as mulheres brancas e de 61,62% dentre as mulheres negras. No Atlas da Violência 2020, disponibilizado também pelo Ipea, no ano de 2018 uma mulher foi assassinada a cada 2 horas, sendo que 68% dessas mulheres eram negras.

Um estudo efetuado em 2012, com 23 mil mulheres, pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), pontuou as desigualdades entre mulheres no período da gestação com base na cor da pele e concluiu que “as negras são mais propensas a ter um pré-natal inadequado (67,9%); recebem menos orientações sobre complicações no parto (41,4%); têm mais chances de não ter um acompanhante (33,8%); e recebem menos anestesia durante o corte no períneo (10,7%)” (UOL, 200). Nesta seara, de acordo com o Ministério da Saúde (2017), 54,1% das mortes maternas no Brasil ocorrem entre as mulheres negras de 15 a 29 anos; mulheres negras têm duas vezes mais chances de morrer devido às complicações na gestação, parto e pós-parto quando comparado às mulheres brancas.

Assim, tais estatísticas demonstram a situação de vulnerabilidade da população negra no Brasil, especificamente da mulher negra, que desde a primeira infância experencia as situações adversas ocasionadas pelo racismo estrutural presente na sociedade.

5. SITUAÇÕES ADVERSAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA, SAÚDE E EDUCAÇÃO INFANTIL

Pode-se definir “situações de adversidade” como sendo os eventos ocorridos em algum momento da vida, que causaram dor e/ou outro prejuízo, com impactos em diversas áreas, principalmente em relação à saúde do indivíduo, seja na esfera mental, psíquica ou física.

Uma pesquisa recente da Universidade de Harvard⁹ aponta que, quando se é submetido nos primeiros anos de vida a situações como pobreza extrema, inanição, negligência, racismo, entre outros, o indivíduo poderá, por exemplo, ter maior chance de desenvolver doenças crônicas que poderão causar sequelas irreversíveis em sua vida: “um acontecimento particularmente estressante desencadeia uma relação de *stress* aguda, ou uma alteração (...)

⁹ Estudo da Universidade de Harvard: 4 efeitos do racismo no cérebro e no corpo de crianças, 2020.

marcante na vida do sujeito, que comporta consequências desagradáveis e duradouras” (SILVA, 2016, p.41).

Segundo o Ministério da Saúde (2017), negros e negras têm até 9% a mais de incidência de diabetes em relação aos brancos e 50% a mais de incidência de alta hipertensão arterial em relação à população branca. Além disso, na seara da saúde mental, segundo levantamento também do Ministério da Saúde (2017), no ano de 2016, a cada 10 adolescentes que se suicidaram, 6 eram negros ou negras. Ademais, dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde¹⁰ (DATAsus), relata que a cada 90 minutos morre uma pessoa por doenças relacionadas à inadequação de saneamento, sendo que metade destas mortes ocorre entre os idosos e bebês negros. Ainda de acordo com dados do Ministério da Saúde (2020), 62,1% das pessoas que morreram no Brasil em decorrência da Aids, eram mulheres negras.

(...) os negros são, por exemplo, as principais vítimas fatais de doenças infecciosas e parasitárias, como a tuberculose, que embora perfeitamente curável, reflete a dificuldade de acesso aos serviços de saúde e a vulnerabilidade social do doente que geralmente, come mal, mora mal e tem baixa escolaridade (...). Assim, o racismo e a negação de direitos que dele decorre são um diferencial recorrente a ser melhor compreendido no adoecimento psíquico da população negra, impactada em sua vida desde a infância (MUNIZ; SANTOS; GONÇALVES, 2016, p. 99).

Recentemente¹¹, o Geledés – Instituto da Mulher Negra – publicou o estudo da Universidade de Harvard, citado anteriormente, que aponta que as pessoas expostas ao racismo desde a infância, poderão desenvolver sintomas como: 1. Corpo em constante alerta; 2. Mais chance de doenças crônicas ao longo da vida; 3. Disparidades na saúde e na educação; e 4. Cuidadores mais fragilizados e racismo indireto.

Passar constantemente por essas experiências faz com que o cérebro se mantenha em estado constante de alerta, provocando o chamado “estresse tóxico” (...). Essa exposição ao estresse tóxico é um dos fatores que ajudam a explicar diferenças raciais na incidência de doenças crônicas (...). As evidências são enormes: pessoas negras (...) têm em média, mais problemas crônicos de saúde e vidas mais curtas do que as pessoas brancas, em todos os níveis de renda (HARVARD, 2020).

Assim, a pesquisa de Harvard corrobora as estatísticas brasileiras trazidas anteriormente: o racismo adoce o indivíduo negro.

Adicionalmente, na seara da educação, alguns pesquisadores sobre a temática étnico-racial têm se ocupado com as dinâmicas do racismo vivenciado pelas crianças em locais destinados à educação infantil. No artigo intitulado “*O Jefferson falou que meu cabelo é feio, é ruim: cabelo crespo e empoderamento de meninas negras na creche*”, Chaves e Oliveira (2018)

¹⁰ Informações levantada no ano de 2017.

¹¹ Em 11/12/2020, o site do Instituto da Mulher Negra – Geledés – publicou a matéria “4 efeitos do racismo no cérebro e no corpo de crianças, segundo Harvard”.

pontuam que durante observação entre professores e alunos numa creche da rede municipal da cidade de São Paulo, verificou-se a existência de hierarquias, desde o berçário, referentes às crianças, além de uma notável distribuição desigual dos afetos (CHAVES E OLIVEIRA, 2018, p. 174):

Oliveira e Abramowicz (2010) resgatam o termo “paparicação” para demonstrar situações nas quais se observa uma prática ou um tratamento diferenciado em relação às crianças, evidenciando que algumas ganham essa atenção diferenciada e outras não. As autoras denominam como situações de “paparicação” aquelas que revelam a diferença de tratamento das professoras em relação às crianças negras e brancas. Entre elas, citam: 1. Ganhar ou não o colo da professora; 2. Meninas preferidas pelas professoras eram caracterizadas como “princesas” ou como “filhas”; 3. No refeitório, sempre se presenciava as professoras beijando algumas crianças; 4. Rejeição do corpo negro para o toque, o abraço e o beijo; 5. Rejeição do corpo negro fora do modelo estético de beleza e saúde: o menino gordo era a causa do seu problema na coluna; 6. Rejeição do corpo negro suado (CHAVES, 2018, p.174).

O estudo de Chaves e Oliveira (2018) demonstra que a invisibilidade da pessoa negra se inicia nos primeiros anos de vida, pois sendo a creche, na maior parte das vezes, a abertura da visão de mundo para o indivíduo, as atitudes de “paparicação” em relação às crianças brancas e de não “paparicação” tratando-se das crianças negras, perpetuam práticas estruturalmente racistas, submetendo a criança negra a situações de inferiorização, nas quais são menos cuidadas, menos abraçadas e menos vistas como dignas de afeto.

6. AUTOESTIMA, ESTÉTICA E REPRESENTATIVIDADE

Como já pontuado, muitas das questões que poderão reverberar por toda a vida do indivíduo são estabelecidas durante a primeira infância, incluindo a autoestima¹². Para a criança, dentre outras formas, a autoestima se estabelece a partir do outro: cuidadores, adultos de referência e demais pessoas que convivem com ela, incluindo os colegas de classe. Nesse sentido, a subjetivação à autoestima da criança negra geralmente provém de alguma ação ou omissão do adulto de referência, pois “a maneira como a escola, assim como a nossa sociedade, vê o negro e a negra e emitem opiniões sobre o seu corpo, o seu cabelo e sua estética, deixa marcas profundas na vida desses sujeitos” (GOMES, 2002, p.4).

Além do olhar do outro sobre si, outro aspecto importante para o desenvolvimento da autoestima na criança durante a primeira infância, é o sentido de pertencimento:

Uma das necessidades vitais da criança é o enraizamento; ela se sentir pertencente a vida, a uma família, a uma história, a um chão. A sua vida não pode ser aleatória, não pode ser ao acaso. Ela precisa de pertencer a um destino. Ela precisa conhecer um

¹² Reconhecimento e valorização das próprias qualidades e atributos, sejam físicos, mentais ou intelectuais, ou seja, o sentimento que o sujeito é capaz de cultivar em relação a si.

pouco mais a história inteira de que ela é personagem. Esse pertencimento é muito importante para a autoestima, para a significação própria, para o sentido de vida (O COMEÇO DA VIDA, 2020).

Nesse contexto de se conhecer a história inteira de que se é personagem e adentrando a questão da representatividade e de seu papel para a construção da autoestima positiva na criança, é relevante pontuar o modo como a história de um povo é retratada para a criança, destacando-se no contexto deste trabalho, a representação midiática. Embora recentemente se perceba a representação midiática das pessoas negras de forma distinta à que era retratada há pouco tempo (o negro escravo, a mulher negra como objeto sexual, a mulher negra submissa a todos e sempre disposta a servir os seus senhores etc.), a aparição midiática da população negra ainda é sub-representada, podendo assim, ocasionar nas crianças pretas e pardas, desde os primeiros anos de vida, a sensação de não-pertencimento, de subalternidade e inferioridade.

(...) diariamente pessoas negras são bombardeadas com a informação de inadequação e/ou de inexistência (...). Nos programas, novelas, filmes, propagandas etc., a imagem da pessoa negra oscilava entre a escassez premeditada e aceita pela branquitude (...). Os símbolos de beleza, exaltados e protagonistas de diversas histórias sempre foram brancos (BERTH, 2018, p. 21).

Considerando-se que a sociedade brasileira é constituída de forma racializada, tal representação geralmente coloca como único ícone de beleza a pessoa branca em detrimento da pessoa negra. Essa racialização está presente no imaginário coletivo do brasileiro, gerando um mal-estar nas pessoas negras, particularmente nas mulheres. Assim, é recorrente nas redes sociais, os depoimentos de mulheres negras que relatam as diversas experiências de racismo a que foram expostas na infância e adolescência, principalmente em relação aos cabelos: xingamentos como cabelo ruim, duro, pixaim, bucha, vassoura de piaçava, entre outros, as colocaram desde cedo num padrão de inferioridade. “Foi a comparação dos sinais do corpo negro (...) com os do branco europeu e colonizador que (...) serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que nos persegue até os dias atuais (GOMES, 2002, p. 3).

Na intenção de camuflar a herança racial, também é recorrente deparar-se nas redes sociais com depoimentos de mulheres que têm os cabelos crespos, relatarem os diversos procedimentos químicos e físicos que se submeteram ainda durante a primeira infância: alisamentos, relaxamentos, pente de ferro quente e afins, na tentativa de tornar seus cabelos “aceitáveis” pela sociedade e o mais próximo possível ao ideal branco, pois a cor da pele, a princípio, não se pode mudar, mas o cabelo sim.

Manipular os fios crespos tornando-os lisos, são procedimentos tradicionais que historicamente tendem a alterar provisoriamente o formato natural do fio crespo com

propostas de transformação que solucionem os percalços cotidianos, atuando na textura e na vitalidade (ROCHA, 2016, p. 1).

Berth (2018) traz uma colocação relevante em relação à postura da mulher negra que, com a intenção de deixar o cabelo crespo em um aspecto mais aceitável pela sociedade, se submete a uma sensação provisória de alívio, mas que, no entanto, acaba se tornando um grande incômodo devido ao esforço necessário para a manutenção do cabelo alisado:

Uma mulher negra pode alisar seus cabelos na busca consciente ou inconsciente pela estética europeia/caucasiana que foi cunhada pelo colonizador como aceitável, agradável, desejável. Embora essa deturpação de suas características fenotípicas possa lhe trazer uma sensação de bem-estar ao se vislumbrar diante de um espelho, saber que esse cabelo não é seu e, portanto, exigirá um conjunto de cuidados para se manter, incluindo táticas para que os outros esqueçam esse detalhe, o incômodo e a insatisfação inevitavelmente circula pelo seu interior e acaba por alimentar frente as dificuldades de manter a aparência colonizada, as rejeições do sistema racista que sempre a vitimaram (BERTH, 2018, p. 94).

Em contrapartida, a mulher negra que opta por deixar o seu cabelo crespo em sua forma natural, sem a intervenção de procedimentos físicos ou químicos que alterem a estrutura dos fios capilares, está adotando uma postura de autoaceitação, tratando-se não somente de um posicionamento estético, mas também político em relação à beleza negra. Em outros termos, esta mulher está rechaçando o processo de branqueamento ao qual a sociedade esperaria que ela se submetesse. Diante dessa postura, percebe-se que o combate ao racismo tem ganhado novas formas e criado diferentes narrativas, por meio da valorização estética do negro, na qual a utilização do cabelo crespo natural torna-se ato político: “é por causa do racismo que os negros tiveram que politizar a beleza negra e valorizar o cabelo crespo (GOMES, 2007, p. 1330).

Desse modo, observa-se no Brasil, principalmente na última década e particularmente nas grandes metrópoles, um crescente movimento para a valorização e ressignificação da beleza negra. Contudo, é importante salientar que não é a primeira vez que se vê pessoas negras adotando uma postura de orgulho de sua raça, de seus traços e de sua história. Nas décadas de 1960 e 1970, movimentos negros estadunidenses como *Black is Beautiful*, *Black Power*, *Harlem Renaissance*, entre outros, tinham dentre suas pautas a valorização da beleza negra. Estes movimentos se espalharam para outros lugares ao redor do mundo, entre eles, o Brasil. Nesse sentido, apenas para ilustrar, destaca-se a atuação do TEN – Teatro Experimental do Negro – criado e idealizado por Abdias do Nascimento no ano de 1944.

O crescente movimento de valorização da estética negra – que em alguns casos têm ocorrido como resposta às experiências racistas que algumas mulheres viveram durante a infância – tem contribuído para que hoje, mulheres negras que também são mães de meninas negras, atuem no fortalecimento da autoestima de suas filhas desde muito pequenas,

principalmente no que se refere ao cabelo, para que estas meninas não passem pelas mesmas experiências racistas que suas mães passaram durante a infância ou que, pelo menos, as enfrentem de maneira empoderada e consciente.

Com o advento da tecnologia de massa, esses movimentos se transformaram e ganharam um novo espaço, os videoblogs, onde o engajamento político eminente anterior deu lugar para um discurso principalmente de defesa da identidade e da autoestima. Nos dias atuais, o recurso audiovisual tem sido um dos principais artifícios para essa manifestação. Ainda que de uma forma mais subjetiva (...), sugerem uma reflexão sobre a ressignificação do crespo. Essa narrativa não se limita aos vídeos, mas esses são instrumentos utilizados para a construção e difusão do conteúdo abordado (SILVA, 2017, p. 37).

Nesta seara, várias mães começaram a criar conteúdo para a internet com o objetivo de compartilhar informações sobre como cuidar do cabelo crespo de meninas. Parte destas mães utilizam a plataforma do *YouTube* para compartilhar técnicas que não utilizam procedimentos químicos e/ou físicos invasivos. Dentre os canais do *YouTube* que abordam tal conteúdo destaca-se neste trabalho o canal *Afrokids*, fundado em maio de 2016, pela Emanuelle Mfuno, que é uma mulher negra, mãe de duas meninas negras: a Maria Helena e a Sophia.

Por meio de entrevista semiestruturada, com o intuito de embasar os apontamentos aqui colocados e ilustrar parte deste movimento da história recente, que são as plataformas de compartilhamento de conteúdo como o *YouTube*, a Emanuelle compartilhou a sua experiência no canal *Afrokids* e também os desafios de se criar crianças negras numa sociedade racista.

7. EMANUELLE MFUNO E O CANAL AFROKIDS

Anteriormente à realização da entrevista com a Emanuelle Mfuno que, conforme citado anteriormente, é uma mulher negra, mãe da Maria Helena e da Sophia, acessou-se vários vídeos do Canal *Afrokids* para que se pudesse verificar o conteúdo apresentado pela Emanuelle e sua contribuição para o combate ao racismo e para a construção positiva da autoestima de meninas negras. Assim, ao questionar a Emanuelle se ela já tinha abordado o tema “racismo” com sua filha Maria Helena, que é a criança modelo dos vídeos do canal *Afrokids*, Emanuelle pontuou que ela e o seu esposo, que também é negro, sempre trataram do tema com a filha, por meio de exemplos do dia a dia. No entanto, após as manifestações antirracistas ocorridas em todo o mundo no ano de 2020, como consequência da morte de George Floyd¹³, os questionamentos

¹³ Homem negro, estadunidense, morto em 25/05/2020 em Minneapolis, depois que um policial branco pressionou o joelho sobre o pescoço de Floyd por mais de 9 minutos, provocando a sua morte.

da menina se intensificaram e eles se viram no dever de nomear para a sua filha o termo “racismo”.

Nesse sentido, os pais de Maria Helena entendem que será inevitável que a menina vivencie experiências racistas ao longo de sua vida e que embora isso ainda não tenha ocorrido de forma explícita, Emanuelle e seu esposo prezam por reforçar à filha que, caso algo aconteça nesse sentido, a culpa não é dela, que todas as pessoas devem ser tratadas com respeito e que ela pode procurá-los para conversar sobre o ocorrido. Assim, Emanuelle acredita que, até que isso aconteça, a autoestima da Maria Helena estará fortalecida, de modo que isso não se tornará um problema – o que está em consonância com o colocado por Gomes (2002):

A maneira como a criança é vista no meio familiar, que lhe possibilita a construção de uma autorrepresentação positiva sobre o ser negro/a e a elaboração de alternativas particulares para lidar com o cabelo crespo. Diante disso, podemos inferir que saber lidar, manusear e tratar do cabelo crespo está intimamente associado a estratégias individuais de construção da identidade negra (GOMES, 2002, p. 7).

Emanuelle é uma mulher negra de pele clara, com o cabelo crespo em curvatura aberta. Assim, ela assinala que as experiências de discriminação vividas durante sua infância, na época foram lidas como motivadas pela sua classe social, ou seja, o fato de ser pobre a colocava em tais situações de discriminação. Somente na vida adulta pôde identificar que muitas das situações discriminatórias que sofreu ocorreram devido à sua raça e não à sua classe social.

Sobre a criação do canal *Afrokids*, Emanuelle teve basicamente duas motivações: 1. criar um registro visual da infância de Maria Helena; e 2. a própria maternidade, pois a partir disso ela se percebeu como mãe de uma menina negra, o que a levou à reflexão sobre as questões raciais da sociedade, particularmente em relação ao cabelo crespo: ela não queria utilizar em Maria Helena os mesmos procedimentos químicos que utilizava em seu próprio cabelo.

Ao ser questionada se a criação de conteúdo para o *YouTube* a mudou de alguma forma, Emanuelle foi enfática ao dizer que “com certeza (...) mudou para melhor e foi mudando as pessoas ao meu redor (...), porque trouxe para perto (...) pessoas com a mesma história ou com histórias parecidas: somos diferentes, mas temos alguns pontos no caminho que trazem a gente um para perto do outro”.

Dentre os vídeos mais acessados de seu canal, Emanuelle pontua que são aqueles relacionados a “como soltar os cachos” ou “como deixar os cachos mais definidos ou mais abertos”. Neste ponto, percebe-se a importância da questão racial dentro da sociedade, pois conforme destacou a Emanuelle “é uma questão de aceitação. A história do nosso país está fincada na escravidão”.

O cuidado para com o cabelo da Maria Helena demanda tempo. Muitas vezes, quem vê de fora diz ou pensa “que cabelo trabalhoso!”, pontua Emanuelle. No entanto, ela ressalta que gosta de cuidar do cabelo de sua filha e que, além disso, é uma maneira dela mostrar para a filha que o processo de se cuidar deve ser prazeroso. Além disso, Emanuelle entende que por meio deste cuidado está demonstrando para a filha o quanto a ama.

Ao que se refere à educação infantil, Maria Helena iniciou a sua trajetória escolar aos 2 anos de idade, o que a colocou desde cedo num ambiente diverso do seu círculo familiar. Recentemente, ela teve a oportunidade de ser aluna de uma professora negra, de pele retinta e cabelo crespo. Emanuelle destaca o quão importante foi para a sua filha ter esta representatividade por meio de sua professora: “a tia Tati, do primeiro ano do ensino fundamental, nunca vai ser esquecida. Esta questão da representatividade fala muito alto”, pontuou a criadora de conteúdo.

Sobre o tema “autoestima”, Emanuelle relata que foi a partir da maternidade e do nascimento de Maria Helena que começou a refletir a respeito, pensando sobre qual exemplo ela seria para a filha: “a questão de dar o exemplo: como é que se vai dar exemplo só falando? Não tem como. Eu comecei a olhar para mim depois de saber que eu tinha que ser o exemplo”.

Por fim, ao questionar Emanuelle se ela via na ação de cuidar do cabelo de sua filha como mais uma forma de aproximá-las e estreitar a relação de mãe e filha, ela disse que sim, que é mais uma forma de aproximação, mas também de demonstração de afeto, pois através deste cuidado está contribuindo para a criação de memórias positivas para a Maria Helena.

8. MULHERES NEGRAS E O RACISMO NA INFÂNCIA

Algumas mulheres negras foram convidadas a relatar nesta pesquisa as experiências racistas que recordam ter vivido na infância. A faixa etária destas mulheres é de 20 a 40 anos, pois conforme Gomes (2002) a maior parte das mulheres nesta faixa tiveram na trajetória escolar “um importante momento no processo de construção da identidade negra e, lamentavelmente, reforçando estereótipos e representações negativas sobre (...) o seu padrão estético” (GOMES, 2002, p. 2).

Priscila Almeida, 39 anos, relatou que a sua mãe e outros cuidadores da família, prezavam por sempre arrumar o seu cabelo, através principalmente da utilização de tranças – o que é muito frequente dentre os cuidadores de meninas negras, sendo essa a técnica mais utilizada para arrumar os cabelos crespos. Adicionalmente, esta ação dos cuidadores de Priscila reforça a colocação de Gomes (2002), pontuando que “nas sociedades ocidentais

contemporâneas, algumas famílias negras, ao arrumarem o cabelo das crianças, sobretudo das mulheres, fazem-no na tentativa de romper com os estereótipos do negro descabelado” (GOMES, 2002, p.5).

Sobre as memórias da infância, Priscila relatou que, quando um desconhecido tinha a intenção de elogiá-la, era comum a utilização da frase “Que neguinha do cabelo bonitinho!”. Tal elogio traz implicitamente a ideia de que o cabelo crespo, na maior parte das vezes, não é visto como belo. Outro episódio relatado por Priscila ocorreu durante o período em que frequentava a educação infantil, onde um colega de escola falou que o cabelo dela parecia “macarrão queimado”: “esses apelidos recebidos na escola marcam a história de vida dos negros. São, talvez, as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo vividas na infância” (GOMES, 2002, p. 45).

Para Priscila, a trajetória de dor, de não aceitação e de desejar um cabelo diferente do que tinha, iniciou-se na primeira infância. Somente após os 30 anos de idade, foi que começou a desenvolver a aceitação de si, principalmente ao que se refere ao cabelo crespo, cultivando uma relação de amor-próprio e isso inclui o seu cabelo crespo.

Outra entrevistada para este trabalho foi Beatriz Ribeiro, 39 anos, que relatou os xingamentos que ouvia com frequência na infância: “neguinha do saravá¹⁴”, “feia” e “beijuda”. E ao pontuar algumas das experiências racistas deste período, Beatriz destacou duas particularmente doloridas: uma delas, ocorrida na educação infantil, onde após ouvir repetidas vezes que ela era a “neguinha do saravá”, sua reação foi enfiar um lápis na mão do menino que a xingou – reação esta, até então inesperada, pois ela nunca tinha reagido de forma semelhante em situações anteriores. A outra experiência, também na escola, refere-se aos períodos de festa junina, onde era comum se dançar quadrilha¹⁵, em par composto por um menino e uma menina. Como o número de meninos era sempre menor em relação ao número de meninas, algumas meninas precisavam fazer o “papel” dos meninos, pois nenhum deles queria tê-la como par para a dança.

Luana Ribeiro, 32 anos, mais uma das entrevistadas, nasceu e cresceu no estado do Rio Grande do Sul, cuja maior parte da população é branca, sendo ela a única criança negra na sala de aula na maior parte de sua vida escolar. Luana relatou que desde muito pequena já tinha seu cabelo alisado e que, os períodos em que não alisava o cabelo, utilizava as tranças como técnica para disfarçar o cabelo crespo.

¹⁴ Termo utilizado como forma de saudação, mas que, no entanto, era comum ser utilizado como xingamento às crianças negras, associando a palavra pejorativamente.

¹⁵ Dança típica das festas juninas brasileiras, de referência caipira.

As experiências do negro em relação ao cabelo começam muito cedo. Mas engana-se quem pensa que tal processo inicia-se com o uso de produtos químicos ou com o alisamento do cabelo com pente ou ferro quente. As meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizados pela mãe, tia, irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo (GOMES, 2002, p. 4).

Luana pontuou também as brincadeiras que fazia dentro de casa, nas quais ela e sua irmã fingiam ter o cabelo comprido, utilizando-se de camisetas para simbolizar o cabelo liso e que balança, pois este era o padrão de beleza que era apresentado a ela: o cabelo que cresce para baixo e que balança. Há cerca de dois anos, após observar em sua afilhada – uma menina negra, atualmente com 7 anos de idade – a não aceitação de si, Luana começou a refletir sobre o tipo de exemplo que ela era e que poderia vir a ser para a menina. A partir disso, Luana iniciou o seu processo de autoaceitação e valorização, que a levou a usar o seu cabelo crespo de forma natural.

Milena Campos, 38 anos, relatou não recordar de situações marcantes em relação ao seu cabelo crespo. Nesse sentido, ela destaca a criação recebida pela mãe e pela avó, que desde muito cedo atuaram na construção de uma autoestima positiva e no orgulho que deveria sentir pela trajetória de seus ancestrais que foram até onde podiam na busca de melhores condições para si e para a sua posteridade. Assim, Milena pontua que a sua criação foi empoderadora. No entanto, mesmo diante da colocação de Milena em relação às particularidades de sua criação, foi solicitado a ela que relatasse alguma situação racista vivida na infância, que embora não a tenha afetado, foi algo distinto da criação recebida em casa. Em resposta, Milena pontuou que tinha um menino na escola que a chamava de “Miss Banana”¹⁶, fazendo a alusão de sua imagem diretamente relacionada à de um macaco, sendo esta ação uma manifestação racista, mas que devido à sua criação empoderada, tal xingamento não a atingiu.

Em relação ao cuidado com os cabelos durante a fase escolar, Milena pontuou que desde a infância até a vida adulta passou por diversos procedimentos, físicos e químicos, como alisamento, pente quente, chapinha aquecida no fogão, progressiva, dentre outros, destacando que durante a sua infância a oferta de produtos para os cabelos crespos era muito limitada. Na fase adulta, após refletir sobre as muitas horas de vida despendidas para alterar a estrutura de seu cabelo e também após muitas quedas dos fios, optou pela transição capilar¹⁷, o que a levou a aceitar-se do jeito que é, principalmente o cabelo: “a superação dessas mulheres em relação aos estigmas é percebida no ato de assumir o cabelo no seu formato original, não por uma obrigação, mas por um novo entendimento sobre si” (SILVA, 2017, p. 13).

¹⁶ Referência ao seriado televisivo “Going Bananas”, produzido nos EUA em 1984 e reprisado no Brasil.

¹⁷ Processo de descontinuação de procedimentos químicos e/ou físicos que alterem a estrutura do cabelo

Embora as experiências racistas trazidas nesta seção tenham sido vivenciadas na educação infantil, situações de rejeição aos traços fenotípicos do negro podem ocorrer também dentro do núcleo familiar, pois sendo a família um recorte da sociedade, acaba reverberando as dinâmicas racistas da mesma. Adicionalmente, também é comum ouvir relatos de mulheres negras pontuando situações racistas vivenciadas dentro do núcleo familiar e o quanto tais experiências contribuíram para reafirmar em si o sentimento de inferioridade: frases como “não entre na piscina para não molhar o cabelo arrumado”, entenda-se cabelo alisado; “não tome muito sol para não ficar tição¹⁸”; “não solte o cabelo para não virar um fuá¹⁹”; e tantas outras frases que reforçam os estímulos de menor valia e que privam as meninas negras de momentos de alegria, em nome da manutenção do aspecto menos negro, dentro dos padrões de branquitude²⁰.

No que diz respeito à família, o primeiro olhar e o desejo manifesto dos pais representam a janela pela qual a criança olhará o mundo, determinam a qualidade das relações pessoais e coletivas. O papel dos pais é dar sustentação material e emocional à criança, reafirmando sua existência no mundo e auxiliando no desenvolvimento do senso de individualidade (AMMA PSIQUE E NEGRITUDE, 2008, p. 39).

A brincadeira durante a infância é muito importante para que a criança aprenda e se desenvolva de maneira lúdica. No entanto, nem sempre as brincadeiras são salutares e contribuem para a edificação do sujeito, pois a partir do momento em que a criança brinca que é uma pessoa muito diferente do que se é de fato, como o relato de Luana ao pontuar que brincava que tinha o cabelo liso e comprido, sinaliza-se à sociedade que algo não está bem.

Enfim, observa-se por meio dos relatos aqui trazidos, que os estragos do racismo vivenciado na infância, principalmente em relação aos cabelos crespos, repercutem até a fase adulta da maior parte das mulheres negras, fazendo com que os efeitos nocivos deste e as memórias de dor e de violências raciais, se tornem um obstáculo para a reconstrução da autoestima positiva da mulher negra.

9. CRIANÇAS NEGRAS E A NOMEAÇÃO DO RACISMO

O reconhecer-se negro é um ponto muito comum nos debates étnico-raciais, principalmente numa sociedade que não se reconhece como racista. Logo, crescer numa

¹⁸ Carvão, pedaço de madeira queimado.

¹⁹ Cabelo mal arrumado, muito volumoso e despenteado.

²⁰ Com origem nas teorias do racismo científico, darwinismo social e eugenia, trata-se de processo social de valorização da raça branca, fazendo com que pessoas negras tentem minimizar seus traços negróides.

sociedade que é racista, mas que nega esta afirmação, pode causar em indivíduos negros o não se reconhecer como tal e se não há o reconhecimento, ou seja, quando não se nomeia, não existe.

Nesse sentido, ao conversar com a psicóloga Camila Generoso sobre a sua motivação para abordar o tema da infância negra, ela pontuou que foi ao se ver como mãe de um menino negro, o Arthur, que atualmente está com 9 anos de idade. E em consequência, por meio da maternidade, também se descobriu como uma mulher negra. A partir de tal descoberta, Camila constatou: “as coisas precisam ser diferentes!”. E então, começou a abordar por meio de sua atuação profissional, as particularidades da infância negra.

A Camila está à frente de um grupo chamado “Roda de Pretin”, que é uma roda quinzenal de conversa, composta por crianças negras de 6 a 11 anos de idade. Nesse grupo, Camila traz de forma lúdica e afetuosa, questões cotidianas das crianças, principalmente na abordagem do racismo. A dinâmica das rodas inclui leitura de livros, desenhos, charadas e muita conversa. Nesse sentido, as crianças são estimuladas a respeitar-se e respeitar ao outro e, principalmente, a entender suas próprias emoções, sejam de raiva, tristeza, inveja, vergonha, medo, entre outras, relacionadas ou não ao racismo. Assim, após entender suas emoções, as crianças são orientadas em como gerenciá-las.

A ideia principal da roda está embasada em alguns fatores, como fortalecer a autoestima da criança negra, desenvolver a autodefesa e despertar na criança o autoamor e a autovalorização. Além disso, por meio de abordagem afetuosa, Camila mostra às crianças negras que, mesmo que elas sejam minoria nos lugares que frequentam, elas não estão sozinhas, que há outras crianças que também passam por situações semelhantes, mas que juntas, ao falarem sobre o tema e pensarem em soluções, elas constroem o sentido de pertencimento, que conforme citado anteriormente, trata-se de elemento relevante para a construção da autoestima da criança.

Embora sejam frequentes situações racistas envolvendo crianças, principalmente no contexto escolar, onde os adultos de referência – pai, mãe, professor (a), monitor (a) e demais cuidadores (as) – minimizam o ocorrido, como por exemplo, quando um coleguinha branco diz para uma coleguinha negra que ela é feia e a criança negra ao relatar o fato aos seus cuidadores, é comum que a reação destes seja “não ligue, você é linda” ou “ele está brincando, você não é feia” ou “é coisa de criança”, entre outras reações, o adulto de referência está minimizando a dor da criança negra, fazendo com que a ferida fique aberta e siga aumentando cada vez mais, à medida em que não é cuidada e curada: o impacto de tal ação e/ou omissão, repercutirá por toda a vida da pessoa, que desde muito cedo foi negligenciada pelos adultos de referência,

principalmente ao que concerne ao racismo. Enfim, conforme pontua a Camila e outros especialistas na temática racial, é necessário que se nomeie o racismo.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversos intelectuais que abordam o racismo e seus desdobramentos na sociedade, pontuam a questão central para que, ainda hoje, após mais de 100 anos da abolição da escravidão no Brasil, os indivíduos negros permaneçam em condições severas de desigualdade: trata-se do racismo estrutural, por meio do qual, desde a república, o Estado brasileiro adota medidas de privação de direitos aos cidadãos negros, considerados e tratados como cidadãos de segunda classe.

A análise dos dados estatísticos, pesquisas acadêmicas, conceituação teórica e relatos trazidos aqui neste trabalho, destacam o impacto danoso do racismo por toda a vida do sujeito, principalmente quando esta dinâmica ocorre nos primeiros anos de vida. É durante esta fase que questões como auto ódio, sentimentos de angústia e sentimentos de depreciação de si começam a fazer parte da vida da pessoa negra. Nesse sentido, é importante considerar que as consequências do racismo na saúde do indivíduo negro é apenas mais uma forma de manifestação deste, sendo uma questão social e política que permeia toda a estrutura da sociedade brasileira, onde a disparidade de acessos e conseqüentemente de oportunidades, se inicia nesta fase tão basilar da vida do ser humano que é a primeira infância.

Embora o círculo social da criança na primeira infância seja basicamente o círculo familiar, ao se considerar que as crianças desde muito cedo acessam a educação infantil através da creche, destaca-se o papel dos adultos de referência, que são os responsáveis pelo estabelecimento dos primeiros vínculos afetivos da criança. Neste acesso, a menina negra de cabelo crespo, começa a interagir com pessoas que, muitas vezes contribuirão para que o seu primeiro contato com o mundo externo seja hostil, fazendo com que ela receba estímulos conflitantes dos que, na maior parte das vezes, recebe em casa. Assim, através do olhar do outro, a sua admiração e orgulho de si, da sua raça e particularmente do seu cabelo são abaladas.

Apesar do advento das redes sociais colocar em evidência as experiências de adversidade que muitas mulheres negras vivenciaram durante a infância, principalmente em relação a traços fenotípicos como o cabelo crespo, percebe-se através da entrevista com a Emanuelle Mfuno, que até mesmo na intenção de se utilizar o cabelo crespo em sua forma natural, algumas mulheres almejam o cacho mais solto, mais aberto e que balance: o racismo

camuflado na busca do cacho perfeito. Assim, corrobora-se o fato de que o racismo é uma das mais impactantes condições de adversidade que a pessoa negra enfrenta em sua vida.

Diante de toda essa estrutura que age para que a mulher negra siga na base da pirâmide social brasileira e permaneça invisibilizada, a iniciativa de mães criadoras de conteúdo como a Emanuelle, no compartilhamento de técnicas para cuidar do cabelo crespo, é de extrema importância para a criação de novas narrativas no combate ao racismo. Contudo, considerando a valorização da beleza negra por meio do cuidado para com o cabelo crespo, é importante destacar que para se manter o cabelo crespo saudável e, conseqüentemente, bonito de acordo com os padrões da sociedade, na maior parte das vezes é necessário o investimento de recursos e de tempo. Sendo assim, será que mães ou outros cuidadores de crianças negras pobres disporão do mínimo necessário para o cuidado do cabelo crespo de suas meninas? Será que este fenômeno cultural referente à criação de conteúdo para o cuidado dos cabelos crespos alcança as pessoas das classes mais pobres? E em relação às mulheres negras já na fase adulta, estarão aptas a reconstruir a autoestima diante de um passado de dor?

Enfim, a primeira infância é um terreno fértil, com potencial transformador da sociedade. Diante disso, destaca-se a necessidade de reflexão sobre o papel de cada cidadão que, direta ou indiretamente, influencia na formação de cidadãos desde a mais tenra idade. Assim, para o desenvolvimento de sujeitos sadios e plenos no exercício de seus direitos e deveres, entende-se o imperativo do atendimento de todas as suas necessidades básicas, desde os primeiros dias de vida, incluindo a construção de uma autoestima positiva, proporcionando a este ser em formação a base necessária para que se aflore todo o seu potencial. Nesse sentido, os cuidados durante esta fase deverão ocorrer numa abordagem multidisciplinar, envolvendo diversas áreas do conhecimento, tais como a pedagogia, psicologia, pediatria, entre outras, e envolvendo também a família, a escola, o Estado e a sociedade como um todo, para que se construa estruturas menos injustas, e particularmente no contexto desta pesquisa, para que se combata qualquer tipo de discriminação, principalmente a racial, mediante a valorização da ancestralidade, história, beleza e demais particularidades, de todas as raças que compõem a coletividade.

11. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **O que é Racismo Estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BARBOSA, Eliete Edwiges. **Negras lideranças: mulheres ativistas da periferia de São Paulo**. São Paulo: Dandara, 2019.

- BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BRASIL. Reginaldo da Silva Domingos. Ministério da Economia (org.). **Atlas da Violência 2020:** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. Brasília: Livraria Ipea, 2020.
- BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Ministério da Economia (org.). **Atlas da Violência 2019.** Brasília: Livraria Ipea, 2019.
- BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Ministério da Economia (org.). **Atlas da Violência 2018.** Brasília: Livraria Ipea, 2018.
- CAMPOS, Christiane; DORNELLES, Wagner. **ALÉM DA PAUTA POLITICO-SOCIAL:** youtubers negras e a importância da temática da beleza estética para a representatividade racial. In: JORNADA INTERNACIONAL GEMINIS, 2018, São Carlos. Artigo. São Carlos: Jig, 2018. p. 1-12.
- CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida.** São Paulo: Pólen Livros, 2019.
- _____, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CHAVEIRO, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa. **Cabelos Crespos em Movimento(s):** infância e relações étnico-raciais. 2020. 194 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- CHAVES, Rosa Silvia Lopes; OLIVEIRA, Waldete Tristão de. **“O Jefferson falou que o meu cabelo é feio, é ruim”:** cabelo crespo e empoderamento de meninas negras na creche. Zero-A-Seis, v. 20, n. 37, p. 170-192, 21 maio 2018. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em <http://dx.doi.org/10.5007/1980-4512.2018v20n37p170>. Acesso em: 14 dez. 2020.
- FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL (São Paulo). **Primeiríssima infância interações:** comportamentos de pais e cuidadores de crianças de 0 a 3 anos. comportamentos de pais e cuidadores de crianças de 0 a 3 anos. 2020.
- FUNDO INTERNACIONAL DE EMERGÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **Campanha Publicitária: 10 maneira de contribuir para uma infância sem racismo.** 2010.
- FUNDO INTERNACIONAL DE EMERGÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **Campanha Publicitária: Não é coincidência, é racismo.** 2020.
- GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?.** Revista Brasileira de Educação, [S.L.], n. 21, p. 40-51, dez. 2002. FapUNIFESP (SciELO).

IDOETA, Paula Adamo (comp.). **4 efeitos do racismo no cérebro e no corpo de crianças, segundo Harvard**. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/4-efeitos-do-racismo-no-cerebro-e-no-corpo-de-criancas-segundo-harvard/>. Acesso em: 13 dez. 2020.

INSTITUTO AMMA PSIQUE E NEGRITUDE (São Paulo). **Os efeitos psicossociais do racismo**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

JACK P. SHONKOFF (Estados Unidos da América). Universidade de Harvard (org.). **O investimento em desenvolvimento na primeira infância cria os alicerces de uma sociedade próspera e sustentável**. 2009. Disponível em: <https://www.encyclopedia-crianca.com/importancia-do-desenvolvimento-infantil/segundo-especialistas/o-investimento-em-desenvolvimento-na>. Acesso em: 10 mar. 2021.

JESSICA MORAES (Brasil). **Filhos que sofrem preconceito por ter cabelo crespo: veja o que fazer**. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/filhos-que-sofrem-preconceito-por-ter-cabelo-crespo-veja-o-que-fazer/>. Acesso em: 07 fev. 2021.

LEAL, Maria do Carmo; GAMA, Silvana Granado Nogueira da; PEREIRA, Ana Paula Esteves; PACHECO, Vanessa Eufrauzino; CARMO, Cleber Nascimento do; SANTOS, Ricardo Ventura. **A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil**. Cadernos de Saúde Pública, [S.L.], v. 33, n. 1, p. 1-17, 24 jul. 2017. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00078816>. Acesso em: 07 mar. 2021.

NORONHA, Heloísa. **Sufrimento na infância pode afetar vida adulta**. UOL, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/10/26/sofrimento-na-infancia-pode-impactar-vida-adulta-veja-7-dicas-para-superar.htm>. Acesso em: 06 de fev. de 2021.

O COMEÇO da vida. Roteiro: Estela Renner. São Paulo: Maria Farinha Filmes, 2016. Color. PAZ, Tatiana Santos da; RODRIGUES, Eduardo Santos Junqueira. **Ativismo em rede e pedagogia decolonial articulados por mulheres negras no YouTube**. Revista Teias, [S.L.], v. 53, n. 19, p. 22-39, 13 nov. 2019. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. Disponível em <http://dx.doi.org/10.12957/teias.2019.43059>. Acesso em: 07 dez. 2020.

PEQUENO, Anita. **História sociopolítica do cabelo crespo**. Z Cultural: Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea, S.I, v., n., p. 15-28, jun. 2019.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Constituição (2016). **Marco Legal da Primeira Infância**. Lei nº 13.257, de 08 de março de 2016. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância. Casa Civil - Subchefia Para Assuntos Jurídicos: Lei 13.257/2016. Brasília, DF, 08 mar. 2016. p. 1-10. Acesso em: 28 dez. 2020.

SILVA JUNIOR, Hédio et al. **Discriminação Racial é sinônimo de maus-tratos: a importância do ECA para a proteção das crianças negras**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - Ceert, 2016.

SOUSA, Sandra Tanhote. **Trajetórias negras e racismo**: memórias da convivência inter-racial na infância. 2020. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.